



SEÇÃO: ARTIGO

Relação entre a consciência sintática e a escrita da frase em estudantes de 1.º e 2.º anos do ensino fundamental

Relationship between syntactic awareness and sentence writing in students from 1st and 2nd years of elementary school

Relación entre consciencia sintáctica y la escrita de la frase en estudiantes de 1º y 2º años de la Enseñanza Primaria

Ana Paula Rigatti

Scherer¹

orcid.org/0000-0003-2171-0952

rigatti.scherer@gmail.com

Caroline Secretti

Maieron¹

orcid.org/0000-0001-8187-9157

carolinesmaieron@gmail.com

Recebido em: 10 jul. 2020.

Aprovado em: 20 out. 2020.

Publicado em: 10 agos. 2021.

Resumo: A aprendizagem da escrita da frase nos anos iniciais é essencial para a posterior produção textual e desempenho acadêmico. Habilidades como a consciência sintática facilitam e auxiliam no processo de aprendizagem da escrita frasal e da leitura. O presente estudo tem como objetivo analisar a relação entre consciência sintática e a escrita da frase de alunos de 1.º e 2.º anos de uma escola da rede pública de ensino, de acordo com as fases da escrita parcialmente alfabética e alfabética consolidada (EHRI, 2005) e sexo. Por meio do *software* Statistical Package for Social Science (SPSS) foi realizado teste de Mann-whitney para verificar a relação entre as variáveis. A partir dos resultados pode-se observar que quanto melhor o desempenho em consciência sintática, melhor a qualidade da frase dos alunos. Houve diferença significativa no desempenho da consciência sintática entre as fases da escrita; e não houve diferença entre os sexos.

Palavras-chave: Escrita. Alfabetização. Frase. Consciência sintática.

Abstract: Sentence writing learning in the early years is essential for later textual production and academic performance. Skills such as syntactic awareness facilitate and aid in the process learning of phrasal writing and the reading. The present study aims to analyze the relationship between syntactic awareness and sentence writing of 1st and 2nd years of elementary school of a public school, according to the stages of writing Partially Alfabética and Consolidated Alfabética writing (EHRI, 2005) and gender. Using the Statistical Package for Social Science (SPSS) software, a Mann-whitney test was performed to verify the relationship between the variables. From the results it can be observed that the better the quality of the student's sentence, the better the performance in syntactic awareness. There was a significant difference in the performance of syntactic awareness between the phrasal writing; and there was no difference between genders.

Keywords: Writing. Literacy. Phrase. Syntactic awareness.

Resumen: El aprendizaje de la escrita de frase en los años iniciales es esencial para la posterior producción textual y actuación académica. Habilidades como la conciencia sintáctica facilitan y ayudan en el proceso de aprendizaje de la escrita de las frases y de la lectura. El presente estudio tiene como objetivo analizar la relación entre conciencia sintáctica y la escrita de frases de alumnos de 1º y 2º años de una escuela de la red pública de enseñanza, de acuerdo con las etapas de la escrita Parcialmente Alfabética y Alfabética Consolidada (EHRI, 2005) y sexo. Por medio del *software* Statistical Package for Social Science (SPSS), fue realizado el teste de Mann-whitney para verificar la relación entre las variables. A partir de los resultados es posible observar que cuanto mejor el desempeño en conciencia sintáctica, mejor la calidad de las frases de los estudiantes. Hubo diferencia significativa en rendimiento de la conciencia sintáctica entre las etapas de escrita; y no hubo diferencia entre los sexos.

Palabras clave: Escrita. Alfabetización. Frase. Conciencia sintáctica.



¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Introdução

O desempenho acadêmico no aprendizado de leitura e escrita de estudantes brasileiros vêm evidenciando condições estudantis insatisfatórias (INEP, 2013). Atualmente, o Brasil se encontra nas posições finais do *ranking* internacional de desempenho em educação (BRASIL *et al.*, 2012). Essa condição vem sendo alvo de estudos de pesquisadores de diferentes áreas acadêmicas.

Estudos advindos da psicolinguística, fonologia, neurociência e educação buscam compreender esse contexto e tendem a propulsar mudanças no processo de ensino da escrita nas escolas (MALUF; ZANELLA; PAGNEZ, 2006; SCHERER; PEREIRA, 2013; GUARESI, 2014). Nessa direção, busca-se abordar e estudar o raciocínio reflexivo acerca da linguagem, denominado *consciência metalinguística*, a qual envolve o comportamento cognitivo consciente intencional que engloba as habilidades metalinguísticas no nível fonológico, morfológico, semântico, sintático, pragmático e textual, de acordo com a competência linguística que o indivíduo detém sua atenção (GOMBERT, 2003).

A consciência fonológica é uma das habilidades metalinguísticas mais tratadas em âmbito educacional, sendo essencial para a compreensão e manipulação de diferentes níveis linguísticos: fonemas, unidades intra-silábicas e sílabas, fazendo-se facilitadora no processo de alfabetização (VIEIRA, 2003; MALUF; ZANELLA; PAGNEZ, 2006). Assim sendo, essa habilidade metalinguística é imprescindível para o aprendizado da leitura e escrita ao nível da palavra, não sendo suficiente ao se tratar do nível da frase (SCHERER; PEREIRA, 2013).

Para o nível da frase é necessário o envolvimento metalinguístico superior: a consciência sintática, que corresponde a capacidade de refletirmos e analisarmos a estrutura frasal internamente (GOMBERT, 2003).

Barrera e Maluf (2003) definem consciência sintática como a habilidade que um indivíduo possui para manipular mentalmente a estrutura gramatical de frases e refletir sobre elas. Para Sim-Sim (1998), a consciência sintática se foca

na capacidade para julgar gramaticalmente uma frase, corrigindo-a e justificando a sua correção.

Essa reflexão sintática desempenha um papel importante no aprendizado da leitura e da escrita, auxiliando na decodificação de palavras desconhecidas através da organização sintática do texto – quando o leitor se depara com palavras desconhecidas/que não podem ser facilmente decodificadas, a consciência sintática lhe permite recorrer à pistas sintáticas (ordem dos elementos na frase, presença de palavras e morfemas gramaticais e pontuação) no texto que podem ajudar a prever o significado das palavras; na integração das informações textuais, a partir de pistas gramáticas que permitem a articulação do significado dos elementos lexicais (compreensão) (REGO, 1993) e na manipulação dos constituintes da frase, suas colocações e relações na frase (GOMBERT, 2003).

Assim como a consciência fonológica, a consciência sintática também desempenha causalidade recíproca com a escrita e a leitura, sendo importante a melhor compreensão dessa habilidade metalinguística e de sua relação com o processo do aprendizado.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo analisar a relação entre consciência sintática e a escrita da frase de alunos de 1.º e 2.º anos do ensino fundamental. Constituem-se em objetivos específicos: a) verificar o desempenho geral dos alunos em consciência sintática; b) verificar a qualidade da frase dos participantes; c) verificar a consciência sintática e a escrita da frase de alunos no nível plenamente alfabético; d) verificar a consciência sintática e a escrita da frase de alunos no nível alfabético consolidado; e) verificar se há diferença entre os sexos no desempenho da consciência sintática.

Aporte teórico

Para o presente artigo apresentam-se alguns estudos que poderão servir de aporte teórico para a discussão dos resultados.

Bublitz (2010) analisou a consciência sintática de 14 alunos com 6 anos, ingressantes do ensino fundamental e comparou-os de acordo com o sexo, sendo oito meninas e seis meninos. A autora

utilizou a Prova de Consciência Sintática (PCS) (CAPOVILLA; CAPOVILLA; SOARES, 2004), com os subtestes: julgamento gramatical, correção gramatical e correção gramatical de frase com incorreções gramatical e semântica. De acordo com os resultados obtidos, a autora conclui que os meninos podem apresentar maior dificuldade em perceber e corrigir erros sintáticos.

Scherer e Pereira (2013) investigaram a consciência sintática e a escrita da frase de alunos com 6 anos e 6 meses do Ensino Fundamental, de rede particular e pública de ensino. Os alunos foram divididos em três grupos, o Grupo A, o qual já estava inserido em um método próprio de ensino, o Grupo B, que participou por 6 meses de um Programa de Estimulação em Consciência Sintática (PECOS) e o Grupo C, que não participou de nenhum programa específico de ensino.

Os alunos de todos os grupos passaram pelo pré-teste e após 6 meses, pelo pós-teste, e em ambos os momentos realizaram PCS (CAPOVILLA; CAPOVILLA; SOARES, 2004) e uma coleta de escrita de frases. Os resultados apontam melhor desempenho nos pontos totais do Grupo A, sendo 118 pontos no pré-teste e 148 no pós-teste. O Grupo B (estimulado com o PECOS), 117 pontos no pré-teste e 151 pontos no pós-teste, resultando em 34 pontos de acréscimo, maior que o Grupo A (30 pontos). Já o Grupo C, que não foi inserido a nenhum método ou programa relacionado a consciência sintática, apresentou pequena ou nenhuma diferença do pré ao pós-teste.

Ao que se refere às frases escritas, no pré-teste, a maioria dos alunos, apresentou hipótese de escrita pré-silábica. No pós-teste, os alunos do Grupo A passaram para a hipótese de escrita alfabética e apresentaram formação de frase adequada, respeitando a gramaticalidade, com concordância verbal e nominal e delimitação entre os constituintes. Referindo-se a hipo ou hipersegmentação, a maioria do grupo não apresentou. No Grupo B, um aluno permaneceu no nível pré-silábico, outro apresentou nível silábico e o restante alcançou o alfabético. Esses alunos não apresentaram limitação entre os constituintes e suas escritas apresentaram hipo ou hiperseg-

mentação. Apesar disso, houve maior facilidade na formação das frases, no sentido semântico e pragmático, com escolhas de termos adequados e mantendo a concordância verbal e nominal. No Grupo C, a maioria dos alunos se manteve na hipótese pré-silábica. Os resultados desse grupo, pode ser justificado pela ausência de trabalho direcionado.

Os resultados do estudo de Scherer e Pereira (2013) ressaltam a importância da metodologia de ensino adotada nas salas de aula, fazendo-se necessário um direcionamento e aprofundamento do trabalho ao nível da frase.

Mais tarde Scherer, Wolff e Norte (2019) avaliaram a qualidade da palavra isolada e a sua relação com a escrita de frase de 25 crianças do 1.º e 2.º anos de uma escola pública. O estudo classificou a escrita da criança de acordo com Ehri (2005), da seguinte maneira: fase plenamente alfabética (PA) e fase alfabética consolidada (AC).

A fase PA é representada pela relação total entre os grafemas e os fonemas. Nessa fase, a criança segmenta as palavras nos fonemas que as constituem e se torna capaz de ler palavras desconhecidas e pseudopalavras, sendo sua escrita composta pela representação de todos os fonemas, mesmo que de forma gramaticalmente incorreta. A fase AC é a fase final classificada pela autora: a criança passa a operar em unidades maiores do que a relação grafema-fonema, ela consegue atuar em correspondências que envolvem morfemas e parte de sílabas ou sílabas, existindo consolidação alfabética e aplicação de regras ortográficas. A leitura passa a ser fluente e automática.

Em relação à escrita da frase, foram avaliadas e comparadas as variáveis: concordância verbal, concordância nominal, ausência de hipossegmentação e ausência de hipersegmentação, de acordo com as fases PA e AC. Os resultados do estudo apresentaram que tanto na palavra isolada, quanto no uso dos constituintes da frase, a fase AC apresentou melhor desempenho de escrita.

Com relação a hipossegmentação e hipersegmentação, o estudo de Cunha e Miranda (2009), analisou textos de 10 alunos de 1.º a 4.º ano sendo cinco alunos da rede particular de ensino e cinco

alunos da rede pública. Os achados referiram maior frequência de hipossegmentação do que hipersegmentação. Essa tendência justificou-se em decorrência da criança perceber a fala como um contínuo, sem delimitações pontuais entre as palavras.

O estudo também apontou diferença quanto ao tipo de escola (particular ou pública). Os resultados mostram que as crianças de escola particular tendem a fazer menos segmentações não convencionais, sendo o nível de escolaridade dos pais e o contato com a escrita anterior ao ingresso na escola fatores influenciadores do melhor desempenho dos alunos.

Barbosa e Silva (2020) realizaram estudo correlacionando vocabulário receptivo, consciência sintática e escrita de palavras. Os dados sugeriram que há correlação entre o conhecimento das palavras e a consciência sintática pois para que a criança seja capaz de realizar a correções das frases, para exercer a correção gramatical, torna-se necessário que tenha domínio sobre as regras da língua portuguesa. O conhecimento das regras permite que a criança corrija frases incorretas, de modo que identifique qual ou quais segmentos estão incorretos, utilizando habilidades metacognitivas.

Correa (2004) analisou criticamente tarefas que avaliam a consciência sintática realizando um levantamento das provas que avaliam essa habilidade metalinguística. A autora refere, por exemplo, que o subteste de correção gramatical não avalia precisamente o uso efetivo da consciência sintática, pois a preferência dialetal da criança pode influenciar as respostas que contenham itens com ausência de marcador. A criança tende a normalização das frases e corrige intuitivamente, fazendo uso de seu conhecimento tácito, sendo muitas vezes corrigidas apenas pelo critério semântico das crianças. Além disso, os testes de investigação do uso da consciência sintática se baseiam na classificação gramatical e distinguem a morfologia e a sintaxe, mas nas avaliações essas habilidades não aparecem como níveis independentes de organização da linguagem. Tarefas que avaliam a consciência sintática contemplam erros nos morfemas nominais e verbais, ou ausência

destes; isso também ocorre quando avaliado a consciência morfológica, em morfemas derivacionais com propriedades gramaticais. Embora para os estudos acerca dessas habilidades seja conveniente o uso dos termos independentes, o usuário da língua, na sua modalidade oral ou escrita, sempre se depara com a tarefa de escolher uma forma dentre tantas (morfologia) e de relacionar essa forma com outra (sintaxe).

Com essas considerações, nota-se o desafio em eleger tarefas efetivas para medir de forma independente tais habilidades e avaliar precisamente o funcionamento cognitivo do indivíduo que aprende.

Metodologia

Trata-se de um estudo transversal analítico de caráter quantitativo apresentando um recorte de dados da pesquisa intitulada "A construção da escrita no nível da frase nos anos iniciais do ensino fundamental", aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – protocolo: no CAAE 52135915.6.0000.5347.

A pesquisa foi realizada no período de março de 2017 a dezembro de 2018 em uma escola pública da rede federal de ensino na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, sob termo de aceite previamente estabelecido. Alunos do 1.º e 2.º anos do ensino fundamental com idade entre 6 anos e 7 anos e 10 meses constituem a amostra populacional.

O ano escolar do público-alvo se deve ao surgimento da consciência sintática manifestar-se nessa faixa etária (GOMBERT, 1992), sendo essa habilidade metalinguística necessária para tratarmos da aprendizagem ao nível da frase. Assim, constitui-se como a hipótese do estudo: quanto melhor a consciência sintática, melhor o uso dos constituintes internos da frase e suas relações.

O desfecho foi constituído a partir da necessidade de possuir evidências práticas da importância da consciência sintática ao nível frasal, para subsidiar uma posterior abordagem escolar e clínica.

A amostra consiste em 25 participantes elegíveis conforme as fases de escrita PA e AC (EHRI, 2005), anteriormente expostos ao ditado de nivelamento

de quatro palavras e uma frase (NOIZET; CAVERNI, 1978 *apud* TEBEROSKY, 2003). O ditado de nivelamento foi composto por uma palavra monossílaba "nó", dissílaba "erva", uma trissílaba "gaúcho", uma polissílaba "churrasqueira" e uma frase que deveria conter uma palavra do ditado, neste caso "O gaúcho adora chimarrão". Após a aplicação do ditado de nivelamento, os alunos foram classificados conforme a fase de escrita que apresentaram. A escolha dessas fases de escrita justifica-se por ser uma escrita mais bem qualificada.

Todos os alunos de 1.º e 2.º anos, expostos ao ditado de nivelamento, conforme as fases de escrita PA e AC, foram incluídos na pesquisa, caracterizando uma amostra por conveniência. Os pais ou responsáveis receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os participantes, o Termo de Assentimento. A coleta dos dados foi realizada por graduandas do curso de Fonoaudiologia que atuaram como voluntárias no projeto de pesquisa.

Os alunos participantes eram retirados individualmente da sala de aula, em horários estabelecidos com os professores, visando não prejudicar o aprendizado formal dos mesmos. A coleta foi realizada pelo aluno-pesquisador, juntamente com o auxílio do professor supervisor, em sala pré-selecionada e adequada para a realização da coleta. Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram: PCS (CAPOVILLA; CAPOVILLA; SOARES, 2004) e escrita da frase espontânea, com ordem respectiva de aplicação. Os participantes foram instruídos previamente sobre cada etapa da coleta, sendo necessário um período de 40 minutos para cada aluno.

A PCS contém 40 questões e a ordem da aplicação dos subtestes segue as normas do instrumento, sendo que o grau de complexidade aumenta ao avançar do teste: julgamento gramatical (JG), correção gramatical (CG) e correção gramatical e semântica (CGS). O subteste JG requer que o aluno julgue a gramaticalidade de 20 frases, sendo metade agramaticais e metade gramaticais, tendo que classificá-las em "certas" ou "erradas". A CG é baseada na correção das frases consideradas agramaticais pelos

alunos, sendo composta por 10 frases. As frases agramaticais apresentam anomalias morfológicas ou inversão de ordem. Já para o subteste CGS, além da correção gramatical, é necessária a correção semântica de 10 frases agramaticais e asemânticas. Em cada subteste, os participantes realizavam os itens de treino para garantir a compreensão da tarefa pela criança. A pontuação considerada é zero pontos para respostas incorretas e um ponto para respostas corretas, sendo o máximo 40 pontos na PCS.

Para a escrita da frase espontânea, a coleta realizou-se a partir da apresentação de uma figura do objeto "lápiz". Os participantes eram instruídos a criar uma frase oralmente sobre este objeto e, em seguida, escrevê-la em espaço de coleta apropriado. Considerou-se quatro critérios para a pontuação da frase, sendo eles: concordância verbal, concordância nominal, baseados em Pereira e Scliar-Cabral (2012) e ausência de hiposegmentação e ausência de hipersegmentação, baseado nos estudos de Cunha e Miranda (2009).

A concordância verbal é a concordância do verbo com o sujeito, em pessoa e número, como por exemplo na frase "o lápis escreve", onde há concordância do sujeito "o lápis" com o verbo no singular. Já a concordância nominal estabelece conformidade entre as classes gramaticais entre substantivo e adjetivo, substantivo e numeral, substantivo e pronome e artigo/substantivo. A concordância nominal qualifica o substantivo quanto ao gênero e número. Um exemplo seria: "eu estou escrevendo com um lápis, observa-se concordância entre pronome e numeral com o substantivo. Esses são exemplos de frases coletadas no presente estudo que obtiveram pontuação máxima em concordância verbal e nominal. Conforme Pereira e Scliar-Cabral (2012) as combinações entre palavras em uma frase denotam o uso da concordância e fazem parte das habilidades de consciência sintática.

Na frase "euoseiolapis" há presença de hiposegmentação, apresentando ausência de espaço entre as palavras "eu", "usei", "o", "lapis". Já na hipersegmentação, há excesso de espaços entre os termos e palavras, como no exemplo: "o lapis esta

a pontado", a separação da palavra "apontado" caracteriza uma escrita com hipersegmentação. Nestes casos, os alunos não pontuaram nos critérios ausência de hipossegmentação e ausência de hipersegmentação, respectivamente.

Conforme os critérios pré-estabelecidos e mencionados acima, a pontuação da frase adotada foi 1 ponto para cada critério adequado e zero pontos para ausência ou incorreção do critério. Como por exemplo, na frase "O lápis serve para escrever", o aluno pontuou em todos os critérios: concordância verbal (1 ponto), concordância nominal (1 ponto), ausência de hipossegmentação (1 ponto) e ausência de hipersegmentação (1 ponto), obtendo a pontuação máxima na escrita da frase, 4 pontos.

Durante a aplicação dos instrumentos, quando referido cansaço ou solicitada pausa para a realização de alguma necessidade fisiológica pelas crianças, a coleta era pausada por alguns minutos ou retomada em ocasião posterior, não ultrapassando mais de uma semana para a sua continuação.

Os critérios de inclusão neste estudo foram: a) pertencer as fases de escrita PA ou AC (EHRI, 2005); b) dados da coleta preenchidos de forma completa, incluindo todos os documentos e protocolos. Não participaram da pesquisa os alunos com alterações de fala, audição ou cognição, previamente acompanhados pela fonoaudióloga do serviço local.

Os dados foram armazenados em uma tabela no Microsoft Excel versão 16.0 (Office 2016), analisados no Microsoft Excel e no *software SPSS*, versão 21 por meio do teste de Mann-whitney e do teste Qui-Quadrado para Homogeneidade de Proporção. Valores máximos e mínimos das variáveis são apresentados. O nível de significância estatística adotado é de 0.05.

Resultados e discussão

O presente estudo foi composto por 13 alunos do sexo feminino e 12 do sexo masculino, totalizando 25 alunos. Desses alunos, oito frequentavam o 1.º ano e 17, o 2.º ano do ensino

fundamental de uma escola pública federal de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. De acordo com a classificação de escrita adotada (EHRI, 2005), 10 alunos apresentaram fase de escrita Plenamente Alfabética (PA) e 15 apresentaram a fase Alfabética Consolidada (AC) (Tabela 1).

Tabela 1 – Características da população amostral. Sexo, ano e nível de escrita

Variáveis	n (%)
Sexo	
Masculino	12 (48,0%)
Feminino	13 (52,0%)
Ano	
1.º ano	8 (32,0%)
2.º ano	17 (68,0%)
Nível de escrita	
PA	10 (40,0%)
1º ano	3 (30,0%)
2º ano	7 (70,0%)
AC	15 (60,0%)
1º ano	4 (27,0%)
2º ano	11 (73,0%)

Fonte: Elaborada pelas autoras com base na pesquisa (2019).

Legenda: PA = Parcialmente alfabético; AC = Alfabético consolidado.

A Tabela 2 traz o desempenho geral dos participantes na Prova de Consciência Sintática (PCS), conforme os subtestes julgamento gramatical (JG), correção gramatical (CG) e correção gramatical e semântica (CGS). Observa-se que no subteste JG 44,0% dos participantes acertaram todas as questões, no CG 56,0% dos participantes acertaram todas as questões e no CGS, 68,0% dos participantes acertaram todas as questões.

Tabela 2 – Desempenho geral dos alunos nos subtestes da Prova de Consciência Sintática

Acertos/Total	Sujeitos (%)
N	25 (100%)
Julgamento Gramatical (JG)	
20/20	11 (44,0%)
19/20	8 (32,0%)
18/20	5 (20,0%)
17/20	1 (4,0%)
Correção Gramatical (CG)	
10/10	14 (56,0%)
8/10	8 (32,0%)
7/10	1 (4,0%)
	2 (8,0%)
Correção Gramatical e Semântica (CGS)	
10/10	17 (68,0%)
9,5/10	4 (16,0%)
9/10	3 (12,0%)
7/10	1 (4,0%)

Fonte: Elaborada pelas autoras com base na pesquisa (2019).

Legenda: JG = Julgamento gramatical; CG = Correção gramatical; CGS = Correção gramatical e semântica.

Esses dados mostram que a pontuação entre os participantes não teve grandes oscilações. Em JG a pontuação variou de 17 a 20 pontos, em CG de sete a 10 pontos e em CGS de sete a 10 pontos. No estudo de Bublitz (2010), a pontuação dos alunos oscilou entre 11 a 19 pontos em JG, quatro a 10 pontos em CG e dois a 10 pontos em CGS. Essa diferença entre os estudos pode ser justificada pelo ano escolar da literatura citada, pois provavelmente a capacidade de reflexão destes seja inferior a dos alunos da presente pesquisa, cuja maioria dos alunos frequentam o 2.º ano.

A Tabela 3 apresenta os resultados da escrita da frase. Verifica-se que 23 alunos acertaram a concordância verbal, 21 a concordância nominal, 17 não realizaram hipossegmentação e 21 não realizaram hipersegmentação.

Tabela 3 – Desempenho dos alunos na escrita da frase de acordo com a concordância verbal, concordância nominal, hipossegmentação e hipossegmentação

Acertos/Total	Sujeitos (%)
Concordância verbal	
1/1	23 (92,0%)
0/1	2 (8,0%)
Concordância nominal	
1/1	21 (84,0%)
0/1	4 (16,0%)
Hipossegmentação	
1/1	17 (68,0%)
0/1	8 (32,0%)
Hipersegmentação	
1/1	21 (84,0%)
0/1	4 (16,0%)
Total	4 pontos 25 (100%)

Fonte: Elaborada pelas autoras com base na pesquisa (2019).

Observando a qualidade frasal dos participantes, percebe-se que a maioria dos alunos (92,0%) não teve dificuldade na concordância dos elementos *sujeito* e *verbo*. Referente a concordância dos demais constituintes com o *sujeito* (nominal), 84,0% da amostra realizou corretamente. Leva-se em consideração que a figura-objeto (lâpis) da avaliação frasal foi apresentada no singular e comumente é adjetivada por sua ação (escrever), sendo "o lápis de escrever". Com isso, as crianças podem ter tido mais facilidade na construção frasal.

Nos resultados das segmentações na frase, observa-se que a hipossegmentação foi a mais frequente (32,0%) em relação a hipersegmentação (16,0%). Essa falta de espaços entre as palavras ou a colocação excessiva de espaços são consideradas como tentativas de soluções de conflitos pela criança, onde ora ela se baseia na fala e ora tem consciência dos espaços em branco na escrita (SILVA, 1994). Este comportamento conflitivo apresentado pela criança é regido por procedimentos epilinguísticos, que

são manifestados por correções e autocorreções precoces baseados no conhecimento tácito da língua (GOMBERT, 1992). Com isso, a criança está testando diferentes critérios para a resolução dos problemas: falta de espaços, espaços excessivos e até mesmo colocação de formas gráficas variáveis entre as palavras.

Nos achados de Cunha e Miranda (2009) também houve maior frequência de hipossegmentação do que hipersegmentação, justificando-se em decorrência da criança perceber a fala como um contínuo, sem delimitações pontuais entre as palavras.

A Tabela 4 apresenta o desempenho dos alunos nas notas da frase de acordo com as fases da escrita. A comparação dos grupos foi realizada através do Teste de Qui-Quadrado para Homogeneidade de Proporção. Através do $p=0,00$, rejeita-se a hipótese nula de que as proporções são iguais, sendo os grupos PA e AC diferentes.

Tabela 4 – Média e DP dos alunos na escrita da frase conforme fase de escrita plenamente alfabético e alfabético consolidado. Porto Alegre, RS, 2019

	Plenamente Alfabético	Alfabético consolidado
N	10	15
Escore total (CV+CN+HIPO+HIPER)		
Média	2,7	3,6
±DP	1,0	1,1
Mínimo	0,0	1,0
Máximo	4,0	4,0
p-valor*	<0.01	

Fonte: Elaborada pelas autoras com base na pesquisa (2019).

Legenda: CV = Concordância verbal; CN = Concordância nominal; HIPO = Ausência de hipossegmentação; HIPER = Ausência de hipersegmentação.

Nessa população amostral, os resultados evidenciam que há uma diferença entre as fases da escrita Plenamente Alfabética e Alfabético Consolidada propostas por Ehri (2005), conforme a concordância verbal, concordância nominal, ausência de hipossegmentação e ausência de hipersegmentação.

O aumento da pontuação dos participantes AC mostra que o conhecimento alfabético e sintático desse grupo está mais desenvolvido que do grupo PA. Com isso, nestes participantes, essa classificação da escrita pode ser empregada para além da palavra.

Scherer, Wolff e Norte (2019) constataram que tanto na palavra isolada, quanto no uso dos constituintes da frase, crianças na fase AC apresentou melhor desempenho de escrita. Com relação à escrita da frase, a concordância verbal e a hipossegmentação apresentaram diferença estatística entre os grupos, sendo o grupo AC obteve melhor desempenho.

Esses resultados corroboram o presente estudo, mostrando que na fase PA a criança consegue dominar a maior parte das relações grafo-fonêmicas, sendo capaz de segmentar as palavras em fonemas, mas ainda não respeita as normas e convenções da escrita em sua totalidade. Já a criança da fase AC preocupa-se com questões ortográficas e demonstra maior compreensão do uso e funções da língua escrita na frase. Com isso, há maior destreza na formação da palavra e consequente formação da frase, refletindo e manipulando sobre níveis mais complexos, como a organização frasal.

A Tabela 5 apresenta as médias e desvio-padrão do desempenho dos alunos na PCS de acordo com os escores da qualidade da frase, das fases da escrita e do sexo. O cruzamento das médias das variáveis foi realizado através do Teste Mann-whitney, adotando o p-valor menor que 0.05.

Tabela 5 – Médias e desvio-padrão (DP) dos escore de TJ, TCG, TCGS e do escore total, de acordo sexo, escore de qualidade de frases e fases da escrita em crianças de Porto Alegre, RS, 2019

	Escore de qualidade da frase		Fase da Escrita		Sexo	
	Até 3 pontos	>3 pontos	Plenamente alfabético	Alfabético consolidado	Feminino	Masculino
N	12	13	10	15	13	12
Escore Total (TJG+TCG+TCGS)						
Média	37.0	39.3	37.3	38.8	38.0	38.4
±DP	1.2	0.7	1.4	1.3	1.7	1.3
Mínimo	35	38	35	36	36	35
Máximo	39	40	39	40	40	40
p-valor*	<0.01		0.01		0.78	
Escore de Julgamento Gramatical (TJG)						
Média	18.6	19.7	18.7	19.5	19.2	19.1
±DP	0.9	0.5	0.9	0.7	0.8	1.0
Mínimo	17	19	17	18	18	17
Máximo	20	20	20	20	20	20
p-valor*	<0.01		0.04		0.79	
Escore de Correção Gramatical (TCG)						
Média	8.8	9.8	8.8	9.7	9.2	9.6
±DP	1.0	0.4	1.1	0.5	1.1	0.7
Mínimo	7	9	7	9	7	8
Máximo	10	10	10	10	10	10
p-valor*	<0.01		0.02		0.30	
Escore de Correção Gramatical e Semântica (TCGS)						
Média	9.6	9.8	9.8	9.6	9.7	9.7
±DP	0.9	0.4	0.3	0.8	0.9	0.4
Mínimo	7	9	9	7	7	9
Máximo	10	10	10	10	10	10
p-valor*	0.87		0.76		0.47	

Fonte: Elaborada pelas autoras com base na pesquisa (2019).

Legenda: TJG = Total Julgamento Gramatical; TCG = Total Correção Gramatical; TCGS = Total Correção Gramatical e Semântica.

*Teste Mann-whitney.

Percebe-se que na qualidade da frase inferior (até 3 pontos), os valores das médias, valores mínimos e máximos nos subtestes da PCS e na pontuação total, foram menores quando comparados a qualidade frasal superior (>3 pontos). Essa diferença entre os grupos foi estatisticamente relevante nos subtestes JG, CG e na pontuação total. Estes resultados mostram que quanto melhor a qualidade da frase, melhor é a consciência sintática da criança.

De acordo com as fases de escrita: plenamente alfabético (Grupo 1) e alfabético consolidado (Grupo 2), os resultados mostram que as médias da PCS dos grupos diferem e os valores mínimos e máximos do Grupo 1 são menores que o do Grupo 2. Isso também ocorre nos subtestes de JG e CG, mostrando diferença estatística entre os grupos. Já em CGS ambos os grupos tiveram médias e valores mínimos e máximos parecidos e não teve diferença entre os grupos.

Os achados neste estudo corroboram em parte os resultados obtidos por Capovilla, Capovilla e Soares (2004). Os autores avaliaram a CS de 57 crianças da 1ª série (Grupo 1) e 47 da 2ª série (Grupo 2) de uma escola particular de ensino. No subteste JG, a média dos grupos foi de 19,05 e 19,30, em CG 7,72 e 8,26 e na CGS 7,60 e 8,67, respectivamente. Apesar dos grupos serem divididos diferente do presente estudo, percebe-se que em JG a média dos alunos de ambos os estudos é semelhante. Já nos subtestes de CG e CGS os resultados dos estudos diferem em 2,55 e 3,13 pontos da média, respectivamente. Referente a pontuação total da PCS, o resultado do presente estudo difere em 5,5 pontos da média dessa literatura. Essas diferenças entre os estudos justificar-se pelo tamanho da amostra e pelo tipo de rede de ensino das escolas.

Como proposto por Gombert (2003), crianças com a habilidade sintática mais desenvolvida conseguem trazer para o plano consciente questões como a organização das palavras na frase, a presença e emprego de conectores coesivos e suas funções, e morfemas gramaticais (flexões de gênero, número, verbo etc.). Neste estudo, os participantes que apresentaram melhores de-

sempenhos nessa habilidade de CS pertencem a fase alfabética consolidada de escrita, que se caracteriza por dominar o conhecimento alfabético e operar em questões para além da palavra.

Nas pontuações dos subtestes, o desempenho do Grupo 1 (PA) aumentou no subteste CGS em relação ao CG em 1 ponto da média dos testes. Esse resultado vai contra o esperado, pois a CGS requer a correção de duas incorreções na frase, caracterizando um subteste mais complexo que o anterior (CG). Assim, esse aumento na pontuação pode ter ocorrido pela influência do critério semântico na correção, ou seja, houve uma generalização puramente semântica, sem considerar a incorreção sintática.

Nesse viés, Correa (2004) propõe que o subteste correção gramatical não avalia precisamente o uso efetivo da consciência sintática, pois a criança tende a corrigir intuitivamente, fazendo uso de sua experiência semântica.

Em relação a variável sexo (Tab. 4), tanto na média total do desempenho na PCS como em seus subtestes, não houve diferença entre os grupos no desempenho em consciência sintática.

Esses resultados evidenciam poucas oscilações entre as pontuações nesta variável. Até o momento, não há estudos comparando quantitativamente o desempenho dos sexos em consciência sintática. Estudo qualitativo (BUBLITZ, 2010), constatou que o sexo feminino teve menos oscilações entre as pontuações e entre os subtestes em CS.

Finalmente trazemos o estudo de Scherer e Pereira (2013) investigaram a consciência sintática e a escrita da frase de alunos de 1.º ano com diferentes experiências quanto ao ensino da frase.

Os resultados apontaram para diferentes benefícios conforme as experiências vivenciadas. No grupo onde havia atividades com frases escritas desde a educação infantil houve melhor desempenho na escrita das frases; no grupo onde houve atividades de consciência sintática de na forma auditivo-oral, houve melhor desempenho na consciência sintática e presença de hipo e hipersegmentação na escrita. Já no grupo onde não houve trabalho específico com a frase, não houve avanços em nenhuma das habilidades.

Os resultados do estudo de Scherer e Pereira (2013) ressaltam a importância da metodologia de ensino adotada nas salas de aula, fazendo-se necessário um direcionamento e aprofundamento do trabalho ao nível da frase.

Nessa perspectiva, os achados do estudo anterior e do presente estudo se complementam, evidenciando que a estimulação da consciência sintática pode trazer importantes benefícios na qualidade da frase.

Considerações Finais

Ao retomarmos os objetivos iniciais do trabalho, verificou-se que a relação estabelecida entre consciência sintática e a escrita da frase de alunos de 1.º e 2.º anos revelou que quanto melhor os resultados na habilidade de consciência sintática, melhor o desempenho na escrita frasal.

No desempenho da consciência sintática percebeu-se que alunos do 2.º ano obtiveram melhor desempenho, já que suas experiências são maiores que alunos do 1.º ano quanto a exposição a leitura e escrita.

Quanto à qualidade das frases dos participantes, foi verificado que alunos que estão na fase alfabético consolidada, onde há leitura mais automatizada e escrita qualificada com relação a regras arbitrárias, a escrita da frase apresenta melhor qualidade, bem como o nível de consciência sintática, que se mostra maior com relação aos alunos plenamente alfabéticos, os quais ainda não dominam as mesmas convenções ortográficas.

Quanto ao sexo, não houve diferença significativa entre meninos e meninas. O presente estudo corrobora outros que investigaram a mesma variável.

Para o presente o estudo, ressalta-se que a escrita da frase é favorecida com o uso cognitivo da consciência sintática, que é o conhecimento superior à consciência fonológica, o qual subsidia as reflexões e manipulações acerca dos constituintes internos da língua.

Outros métodos avaliativos dessa habilidade se fazem necessários para contribuir no planejamento de modelos de ensino mais efetivos e melhorar o cenário da educação brasileira, com

a finalidade de subsidiar uma melhor abordagem educacional escolar e clínica.

Espera-se com os resultados deste estudo, que a construção da frase, bem como o desenvolvimento de habilidades em consciência sintática, possa fazer parte do currículo das séries iniciais, pois, assim como a consciência fonológica, que vem tomando espaço para a aprendizagem da escrita de palavras isoladas, a consciência sintática possa ganhar espaço na qualificação da leitura e escrita da frase.

Referências

BARBOSA, Vanessa M.; SILVA, Cláudia. Correlação entre habilidade de vocabulário receptivo, consciência sintática e escrita de palavras. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 1-10, 2020.

BARRERA, Sylvia D.; MALUF, Maria R. Consciência Meta-linguística e Alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 491-502, 16 mar. 2003.

BRASIL *et al.* Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico São Paulo: Fundação Santilha, 2012. Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2014/relatorio_nacional_pisa_2012_resultados_brasileiros.pdf. Acesso em: 22 nov. 2019.

BUBLITZ, Grasiela K. A consciência sintática de crianças que ingressaram aos 6 anos no Ensino Fundamental. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 92-97, jul./set. 2010.

CAPOVILLA, Alessandra G. S.; CAPOVILLA, Fernando C.; SOARES, Joceli V. T. Consciência sintática no ensino fundamental: correlações com consciência fonológica, vocabulário, leitura e escrita. *Psico-USF*, São Francisco, v. 9, n. 1, p. 39-47, jan./jun. 2004.

CORREA, Jane. A avaliação da consciência sintática na criança: uma análise metodológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 69-75, jan./abr. 2004.

CUNHA, Ana P. N.; MIRANDA, Ana R. M. A hipo e a hipersegmentação nos dados da aquisição de escrita: a influência da prosódia. *Alfa*, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 127-148, nov. 2009.

EHRI, Linnea. Development of sight word reading: phases and findings. In: SNOWLING, Margaret J.; HULME, Charles (ed.). *The science of reading, a handbook*. Malden: Blackwell, 2005. p. 135-154.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *A Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

GOMBERT, Jean E. Atividades Metalinguísticas e aprendizado da leitura. In: MALUF, Maria R. *Metalinguagem e aquisição da escrita: contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 19-64.

GOMBERT, Jean E. *Metalinguistic development*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

GUARESÍ, Ronei. Repercussões de descobertas neurocientíficas ao ensino da escrita. *Revista FAEBBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 23, n. 41, p. 51-62, jan./jun. 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA): Documento Básico*. Brasília: INEP, 2013. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/2013/livreto_ANA_online.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.

MALUF, Maria R.; ZANELLA, Maura S.; PAGNEZ, Karina S. M. M. Habilidades metalinguísticas e linguagem escrita nas pesquisas brasileiras. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 56, n. 124, p. 67-92, jan./jun. 2006.

PEREIRA, Vera W.; SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Compreensão de textos e consciência textual*. Florianópolis: Insular, 2012.

REGO, Lúcia L. B. O papel da consciência sintática na aquisição da língua escrita. *Temas em psicologia*, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 79-86, abr. 1993.

SCHERER, Ana P. R.; PEREIRA, Vera W. A escrita da frase na alfabetização: o papel da consciência sintática. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, ed. esp., p. 44-60, jul./dez. 2013.

SCHERER, Ana P. R.; WOLFF, Clarice L.; NORTE, Julia S. S. A escrita da palavra e sua relação com a escrita inicial na frase. *ReVEL*, Porto Alegre, v. 17, n. 33, p. 85-103, 2019.

SILVA, Ademar. *Alfabetização: a escrita espontânea*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

SIM-SIM, Inês. *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta, 1998.

TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo a escrever: Perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo: Ática, 2003.

VIEIRA, Gastão. *Alfabetização Infantil: Os novos caminhos*. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2003. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/imagens/pdf/alfabetizacao_infanti_novos_caminhos_gastao_vieira.pdf. Acesso em: 14 nov. 2019.

Ana Paula Rigatti Scherer

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; professora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Caroline Secretti Maieron

Pós-graduanda em saúde da criança pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Fonoaudióloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Ana Paula Rigatti Scherer
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Ramiro Barcelos, 2492, 3.º andar, sala Clínica de Fonoaudiologia
Santa Cecília, 90035-003
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação das autoras antes da publicação.